

Recension: « Esperança e desejo: aspectos do pensamento utópico barroco »

HATHERLY, A., [2016]. *Esperança e desejo: aspectos do pensamento utópico barroco*, ed. e pref. de A. M. Gastão, Lisboa, Theya.

Anabela Galhardo Couto
Universidade Europeia / Universidade Aberta de Lisboa

Esperança e desejo: aspectos do pensamento utópico barroco é o derradeiro ensaio de Ana Hatherly consagrado ao estudo da cultura seiscentista em Portugal, em boa hora trazido a público por Ana Marques Gastão e a Editora Theya.

Ana Hatherly é figura incontornável da cultura, da arte e do pensamento contemporâneo. Criadora multifacetada, deixou uma obra prolífica, poliédrica, de rara intuição, lucidez e equilíbrio estético, desdobrando-se na criação literária, nas artes plásticas e no domínio do ensaio e investigação.

O seu papel no início e desenvolvimento dos estudos barrocos em Portugal é determinante. Com efeito, a Investigadora dedicou parte da sua vida à redescoberta, ao estudo, ao ensino e à edição da produção literária e artística em língua portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Mestre no sentido antigo e pleno da palavra, nos finais da década de oitenta formou uma escola de então jovens investigadores, entre os quais me incluo, que muito contribuiu para a revalorização e a compreensão da arte e da cultura seiscentista portuguesa, numa altura em que sobre esse período histórico-cultural pesava ainda o anátema da degenerescência e do mau gosto que a crítica neo-clássica, positivista e anticlerical apressadamente tinha feito recair sobre o conjunto dessa produção artística. As revistas *Claro-Escuro* e *Incidências*, fundadas e dirigidas por Ana Hatherly nos anos oitenta e noventa, trouxeram ao debate sobre o barroco os nomes mais eminentes entre os especialistas nacionais, europeus e sul-americanos – Lucília Pires, Ares Montes, Claude-Gilbert Dubois, Buci-Glucksman, Benito Pelegrin, Afrânio Coutinho, Severo Sarduy – não deixando de acolher as novas gerações de investigadores, com o diferente olhar que inevitavelmente trazem consigo. Desde então, e em parte sob o seu influxo, este campo de estudos não deixou de se alargar.

Individualmente, a Escritora levou a cabo um trabalho enciclopédico de resgate, visibilização, revalorização de largas fatias da produção manuscrita ou impressa, inédita ou

praticamente desconhecida. Textos visuais, conto, novelística, teatro, poesia, epistolografia, biografia e demais formatos híbridos que a época praticou foram objeto de estudo em obras decisivas como *A Experiência do Prodígio*, *Casa das Musas*, *o Ladrão Cristalino*, *Poesia Incurável*. Com igual empenho e rigor, a Artista-Ensaísta ocupou-se da edição e estudo seja de autores de relevo como Soror Maria do Céu, Gregório de Matos, ou Jerónimo Baía, seja de textos obscuros, tais como os curiosíssimos “Defesa e condenação da manice”, ou “Poemas em língua de preto”. Do discurso joco-sério ao registo burlesco e parodístico, da literatura espiritual e edificante à literatura lúdica e de circunstância, do profano ao religioso, com os matizes e variantes que de um extremo a outro a época ofereceu, da preceptística à retórica e à teoria literária, a todas as facetas dessa produção cultural — irregular, paradoxal e inequivocamente rica — Ana Hatherly dedicou a sua atenção.

Apostada em entender o barroco como quadro mental, “espaço cultural claramente definível através de manifestações concretas,” a Estudiosa adotou uma hermenêutica próxima dos textos, seguindo passo a passo a sua tessitura, o seu rendilhado temático e formal, sem nunca perder de vista as grandes linhas de força que os percorrem, nesse movimento mais vasto do pensar.

Nesse desígnio de compreender o devir das formas, essa “vie des formes” de que fala Henri Focillon, praticou uma exegese minuciosa e rigorosa dos textos, restituindo-os ao horizonte de expectativas que os viu nascer, intersectando-a com esse outro olhar que do presente interroga os textos, com eles dialoga, prescrutando o que do seu passado irremediavelmente perdido nos trazem até hoje.

Essa perspectiva de proximidade conciliada com uma visão de *survol*, num devir dialéctico constante, permitiu-lhe dar conta dos textos e das formas muito além do seu contexto espaço-temporal, na inteireza e na dimensão de experiência humana universal e atemporal.

É esse olhar, plural, iluminador, que o presente ensaio oferece.

Aqui, como em outros lugares da cartografia hatherlyana, encontramos uma penetrante reflexão sobre o complexo e prodigioso jogo verbal da produção barroca e da cosmovisão que a sustenta, não encerrada no seu microcosmo, mas atenta a esse devir de figuras e questões que de um passado remoto persistem, metamorfoseadas até ao presente, antecipando o futuro. Trata-se de pensar a poética barroca na sua articulação com outros tempos históricos, sabendo de antemão que «o passado inscreve-se no presente como um espelho. As imagens por ele refletidas devem reinventar-se a cada momento» (p.165).

Por outro lado, e em harmonia com esta ideia, no ensaio acedemos à reflexão sobre a poética e a estética barrocas a partir de um prisma que convoca explicitamente a própria *praxis* artística da Escritora-Pintora, nesse exercício renovado de interrogação sobre o labor poético, sobre a expressão

criadora, suas potencialidades, enigmas, limites e fronteiras, que a Autora de *Mapas da Imaginação e da Memória* sempre convocou.

É justamente essa visão multiperspéctica que Ana Marques Gastão salienta no Prefácio, quando inscreve a obra sob o signo do labirinto e do poema visual, elegendo duas figuras centrais não só da estética da Escritora-pintora, mas também da axiologia barroca.

Do ponto de vista gráfico, o objecto-livro é belo, coerente e rigoroso. Da capa emerge o jogo anagramático baseado no nome Ana, tantas vezes e tão inspiradamente explorado pela Autora na sua poesia-desenho-pintura. Sobressai ainda a geometria helicoidal a sugerir a espiral e o labirinto, *leitmotiven* da sua expressão criadora, assim como da produção barroca em geral. A anteceder cada capítulo, num diálogo sensual com a palavra, figuram desenhos da série de Hatherly intitulada “Metamorfoses da romã”. São dez suculentas, voluptuosas, representações da romã, fruto carnal e divino de ricas e variadas conotações, simbolicamente associado ao amor e ao qual tanto a Bíblia, essa base da literatura ocidental no dizer de Frye, como o discurso barroco atribuíram relevo particular.

Organizado em torno do “diálogo entre desejo esperança e utopia” (p.13), o volume conta simbolicamente com o providencial número de dez textos, sete dos quais inéditos.

Escrita, utopia, desejo, tempo, memória, genealogia das formas, poesia-pintura, viagem, natureza, vida, transcendência, são motivos, que se esboçam, entrecruzam, mutuamente se iluminam e se oferecem ao leitor a propósito de uma diversidade de autores antigos — Camões, Vieira, Sórora Violante do Céu, Sórora Maria do Céu, Jerónimo Baía, — ou contemporâneos: Haroldo de Campos, Tamen, Helder, Ramos Rosa, Salette Tavares, Hatherly.

Os ensaios entrelaçam-se no acentuar dessa feição do pensamento e da poética barrocas que a Autora designa “desejo de utopia”, no encaço de Bloch e de *Le principe espérance*. Trata-se do desejo de concretização de um irreal mais real do que o real, a aspiração ao transcendente, *u-topos* de perfeição e felicidade eterna, que em parte definirá a escrita barroca.

É assim que, desde logo, o texto de abertura introduz o conceito de “pensamento utópico barroco” a propósito de um conceito de arte centrada na “esperança de concretização de um sonho” (p.22): a utopia cristã do paraíso ou a esperança de salvação. Esse conceito é articulado com a prática, comum na época, de conversão de um texto de carácter profano em sagrado — transformação *ao divino* — mediante uma incursão no fascinante universo de Sórora Maria do Céu, particularmente nos autos do volume *Triunfo do Rosário*, editados pela Investigadora em 1992.

O conceito de utopia, agora associado ao tópico ancestral da viagem, enquanto descoberta e aperfeiçoamento interior, é o assunto de “A viagem: mito, errância e descoberta”. Depois de uma análise do tema da viagem marítima na poesia maneirista e barroca, incide-se na representação

simbólica do mar no auto alegórico de Sórora Maria do Céu, “A Flor das Finezas”, o qual, confrontado com o tópicos da viagem transgressora expresso em dois poemas de Hatherly, ganha novas, inquietantes, ressonâncias.

O processo de reescrita criadora, a escrita parodística, é o assunto do terceiro texto, “Reescrita e inovação barroca: António Barbosa Bacelar vs. Luís de Camões”. Ali se revela a riqueza e a complexidade desse importante filão da produção literária seiscentista que traz para primeiro plano o jogo intertextual com a tradição e o mecanismo de texto sob o texto, em parte responsável pela hibridização de géneros, apanágio deste período literário.

Em “O imaginário barroco na sua relação com a natureza” retoma-se o processo de simbolização e de moralização da natureza, tal como se apresenta nas obras de Sórora Maria do Céu, articulado com o quadro mental do barroco português: a procura da essência por detrás das aparências, a ditar o impulso alegórico, a intensa visualização e o culto da metáfora com seu jogo de correspondências, amplamente codificada por preceptistas como Leitão Ferreira.

“Um desejo de utopia: Representações da natureza no imaginário barroco” regressa ainda ao tema da natureza e à formulação simbólica que vai assumir no imaginário barroco, expresso na aproximação pintura/poesia. Esse prisma conceptual que dissolve as fronteiras entre palavra e imagem é ilustrado na análise da tela *Cordeiro Pascal* de Josefa de Óbidos (patente no Museu de Évora) e de um curioso poema visual de Nunes Tinoco, elogio do poeta à rainha D. Maria Sofia Isabel, esposa de D. Pedro II, constante em *A Pheniz de Portugal Prodigiosa* (1687).

Outra face da representação simbólica nas pinturas daquela artista seiscentista portuguesa é equacionada no texto cujo título invoca o célebre “Ceci n’est pas une pipe” de Magritte, epítome da problemática da representação na arte. Em “Josefa de Óbidos: uma flor pintada não é uma flor” destaca-se o emblematismo indiciador de um “*Zeitgeist* peninsular” (p.98), a par de uma feminilidade erótica singular.

Após uma incursão em “O Desafio Venturoso”, novela curta de Barbosa Bacelar, editada por Hatherly em 1991, o texto seguinte promove o encontro, só aparentemente improvável, entre Gilles Deleuze e Frei António do Rosário, autor de *Frutas do Brasil*, barroco tropical no seu máximo esplendor, texto que a Ensaísta também editou em 2002. Em “As dobras íntimas da imagem: a propósito da Carta de Marear de Frei António do Rosário” explora-se o famoso conceito deleuziano de “pli”, modo barroco de pensar, avançado a propósito de Leibniz.

Por fim, os dois últimos textos instauram uma meditação sobre o tempo, a memória, o culto do novo e sua complexa relação com a tradição e com a tradução, na dupla acepção de levar adiante e de transferência de sentido. Pensando o tempo como “essa porta que nos atravessa quando a

atravessamos e que conduz a nova maneira de olhar” (p.146), os dois textos relacionam a estética barroca com a produção poética contemporânea.

“Diante de uma desconhecida e fria azul piscina” presta tributo à reinvenção do barroco no século XX realizada pelo Experimentalismo dos anos 60, “como uma das suas vertentes de contestação do *status quo* estético e político” (p.142).

Já o texto “A reinvenção do espelho: reflexos da época barroca na Poesia Experimental” reflecte sobre a poética desse movimento de vanguarda, cujo *modus operandi* em parte assentará na apropriação/recriação de um conjunto de valores estruturais da poesia barroca: jogo, culto da imagem, poesia figurada, poesia de invenção, construção parodística, valor permutacional/combinatório, valor experiência/descoberta.

No final do volume, a inclusão da bibliografia completa da Autora, bem como a listagem da sua obra visual e plástica, exposições, *happenings*, *performances*, filmografia e vídeo, é de grande utilidade para o estudioso do universo hatherlyano.

Em suma, trata-se esta de uma obra que vai ao encontro de um público alargado de estudantes, interessados e especialistas em arte e literatura de língua portuguesa. Poder-se-á dizer com propriedade que *Esperança e desejo: aspectos do pensamento utópico barroco* é, em certa medida, o corolário da obra de Ana Hatherly, derradeira pétala do florilégio que nos legou. Este ensaio traz ao leitor uma magnífica interrogação sobre a memória, o ato poético, o gesto e a expressão criadora na sua misteriosa, mágica e utópica expectativa de aflorar o infinito inapreensível da vida. Religando a produção barroca à atualidade, a obra atravessa as camadas do tempo, aberta ao desejo, à esperança e ao porvir, lembrando que:

A memória é
Onde os sonhos adormecem
Despertando
Abrem janelas no tempo

(Ana Hatherly, *Fibrilações*)